

Ineficiência trava o crescimento

Governo brasileiro arrecada tributos como os países desenvolvidos, mas não produz os resultados que a sociedade espera

» BÁRBARA NASCIMENTO

Descaso

O dinheiro sai dos cofres públicos, mas os resultados não chegam à sociedade

DESCONTRÔLE

O governo não consegue manter equilibrados os cofres públicos e os gastos crescem mais do que o faturamento do Tesouro Nacional

6,3%
Evolução das
receitas em
2014

12,6%
Avanço das
despesas em
2014

**R\$ 175,3
bilhões**
Desembolso do governo federal só
para manter o funcionalismo
público e encargos sociais entre
janeiro e outubro de 2014

● **Buracos nas rodovias:** recursos
desembolsados pelo governo não impede
que viajantes sejam engolidos por buracos.
De 1,7 milhão de quilômetros de estradas
pavimentadas, pouco mais de 11% são
pavimentados. Desse total, cerca de 60%
apresentam algum tipo de problema.

● **Portos:** o Planalto prometeu, em 2012,
aplicar R\$ 60,6 bilhões nos portos
brasileiros por meio do Programa de
Investimentos e Logística (PIL). A meta era
ampliar e modernizar os terminais, de
forma a dar maior competitividade às
exportações. Até agora, nada foi aplicado.

DESONERAÇÕES E SUBSÍDIOS

Na tentativa de incentivar a indústria, o governo abriu mão de
bilhões em impostos, mas economia não reagiu

R\$ 93 bilhões
Renúncia total das desonerações
nos 11 primeiros meses de 2014

● **SEM RETORNO**
Governo gasta demais, mas os investimentos públicos continuam
escassos

R\$ 1,06 trilhão
Dinheiro aplicado por meio do Programa de Aceleração
de Crescimento em infraestrutura de 2011 e 2014

● **Mobilidade urbana:** desde o lançamento
da primeira etapa do PAC, em 2007, foram
anunciados investimentos de R\$ 143
bilhões para trens, ônibus e metrôs para
melhorar a qualidade de vida nas cidades.
Nem um terço disso foi liberado pelo
governo.

EDUCAÇÃO

O Brasil destina um percentual do PIB para educação maior do que
a média dos países da OCDE. Contudo, a qualidade do ensino
continua ruim

Brasil 6,1%
OCDE 5,6%

- Somente 15,2% das pessoas entre 25 e 34 anos têm ensino
superior no Brasil
- Apenas 7,2% das pessoas com menores rendimentos da sociedade
estão na universidade
- O quadro é tão dramático que 54% dos alunos pobres entre 13 e 16
anos estão com atraso escolar

NA RABEIRA

Desempenho no Programa Internacional de Avaliação de Alunos.
De 66 regiões avaliadas pela OCDE, o Brasil ocupa a 59ª posição

Posição e pontuação

1º	China (Shanghai)	613
2º	Cingapura	573
3º	China (Hong Kong)	561
4º	Coreia do Sul	554
59º	Brasil	391

DINHEIRO NÃO É PROBLEMA

A carga tributária brasileira é comparável a países desenvolvidos,
mas os serviços públicos são precários

Carga tributária (em % do PIB)

Brasil	35,95
Islândia	37,20
Eslovênia	37,40
Alemanha	37,60
República Tcheca	35,20
Reino Unido	33,80

IDH

79º

13º

25º

6º

28º

14º

Cabides de emprego

Responsáveis pela fiscalização e avaliação de diversos setores, as agências reguladoras pouco cumprem seu papel. Muitas delas funcionam como cabides de emprego e escondem sérios problemas de corrupção. Os cargos de liderança, na maioria das vezes, são ocupados de forma política — moeda de negociação para alianças partidárias — e não técnica, como deveria acontecer. "A presidente Dilma mexeu em muita coisa, fez algumas reformas, mas deixou dois aspectos intocados: o sistema político e o serviço público", aponta o professor Trindade, autor do livro *Gestão por Inteligência para a reforma do Brasil*. (BN)

Vivemos uma crise de governabilidade pelos efeitos da corrupção e da deficiência na provisão de serviços públicos"

Cristiano Trindade de Angelis,
autor do livro *Gestão por inteligência para a reforma do Brasil*.

Julio Lapagesse e Anderson Araújo/CB/DA Press

Terceira via

Para o professor Newton Marques, da UnB, o dilema de todo governo está no equilíbrio entre eficiência e equidade.

"Quanto mais eficiente é a economia, mais desigual ela tende a ser." A terceira via, um equilíbrio já encontrado por

paises como a Suécia, de dimensões e história bem diferentes da tupiniquim, nunca foi efetivamente aplicada no país. "A sociedade demanda um governo liberal com preocupação social. E os políticos já perceberam", pontua.

e muitas fábricas já começaram a demitir ou suspenderam temporariamente os contratos dos funcionários. O Brasil vive hoje um momento de crise. A evolução do PIB deve ser praticamente zero em 2014. A inflação está à beira de ultrapassar o limite de tolerância, e os ganhos sociais obtidos em anos anteriores estagnaram. "O Estado tem que corrigir desequilíbrios e distribuir renda. Do ponto de vista econômico, contudo, o que se espera é que o governo interfira o mínimo possível", explica professor Newton Marques, da Universidade de Brasília (UnB). Ele explica que a possibilidade de o Estado provocar ineficiência é muito grande. "Quando o preço artificial de um produto começa a afetar o desenvolvimento da economia ou

o excesso de impostos torna uma mercadoria menos competitiva, a intervenção se torna um problema. E a falta de competitividade é um grande gargalo brasileiro", completa. É o que ocorreu na Petrobras, por exemplo. Na tentativa de segurar a inflação, o Planalto colocou uma trava no aumento do preço dos combustíveis e criou um rombo no caixa da estatal, que sofre hoje de problemas financeiros graves, afetando toda a cadeia de fornecedores da empresa.

Incômodo e ineficiente, o Estado brasileiro mostra ainda uma face mais sombria, a da corrupção, numa profusão cada vez maior de denúncias, como as que se abatem sobre a própria Petrobras. A maior empresa do país foi vítima de um aparelhamento

Avaliação precária

O baixo retorno da aplicação de recursos públicos no Brasil decorre, em boa parte, da ausência de instrumentos eficientes de fiscalização. Alentados pelo governo com subsídios, muitos setores se acostumaram a depender do dinheiro público e, na falta de um acompanhamento efetivo, não aumentam a produtividade e pouco ou nada retornam para o país. Sem um sistema de avaliação, o dinheiro sai dos cofres públicos, mas não produz os efeitos esperados sobre a atividade econômica. No ano em que mais houve desonerações tributárias — foram R\$ 93 bilhões somente até novembro de 2014 —, por exemplo, a economia vai mal e enfrenta um sério problema de confiança dos empresários, que não querem investir.

"O Brasil é excepcional para desenhar políticas industriais, o problema é a implementação. O efeito dos programas não é permanentemente avaliado. O Estado deve intervir de forma moderada quando se trata de política industrial, com subsídios, crédito, mas deve cobrar performance das empresas, como fazem os governos asiáticos", comenta o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) André Nassif, especialista em economia internacional.

Preocupado em subsidiar a indústria e atrair investimento estrangeiro direto, diz Nassif, o Brasil injeta muito dinheiro e se esquece de cobrar resultados. "A China, por exemplo, soube abrir o país e atrair investimentos do exterior com inteligência, tirando proveito deles", completa. "O Estado ideal é executante na economia: legisla, fiscaliza e normatiza. O que temos hoje é um Estado grande e ineficiente", emenda a professora Virene Matesco, especialista em macroeconomia da Fundação Getúlio Vargas (FGV).



Fonte: PNID, Tesouro Nacional, Ministério do Planejamento, Fiesp, Receita Federal, CNI, CNT e OCDE